



POR DETRÁS DOS PONTEIROS...

INTERFACES DO TEMPO NO UNIVERSO FEMININO

UM ESTUDO A PARTIR DE MULHERES TRABALHADORAS DA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS/MINAS GERAIS

NIQUINI, Cláudia Mara¹
DURÃES, Sarah Jane Alves²

A partir da ótica da mulher e o(s) uso(s) do tempo, tentaremos debater a idéia de que, embora mudanças significativas tenham ocorrido no universo feminino nos últimos 50 anos, forjando novas identidades, papéis sociais e funções profissionais, no que se refere ao domínio e utilização do tempo livre, ainda são tímidos os desdobramentos deste processo. As contribuições dos estudos acerca do tempo ampliaram as possibilidades de análises. Esboçando sobre as práticas cotidianas, Parra (1998) considera que as atividades se localizam em coordenadas espaço-temporais: espaciais na proporção que diferencia lugares e temporais nas dinâmicas que possibilitam o ritmo cronológico (e arritmias também) das atividades. Deste modo, tomaremos como início de conversa a perspectiva do tempo e o que ele agrega.

Para fins introdutórios, enfocaremos o tempo em duas tipologias ou duas imagens do tempo. A primeira, mais conhecida, se refere a Cronos (Cf. Leach, 1974), divindade grega intimamente ligada à idéia de tempo, cuja característica que gostaríamos de destacar se refere ao fato de esse deus devorar os próprios filhos que engendra. Não menos importantes serão as derivações de sentido que o termo Cronos receberá na Modernidade, como cronologia e cronômetro, sendo dois exemplos de termos que marcaram de forma simbólica a figura do tempo moderno (Cf. MARTINS, 2000). Portanto, ressaltaremos, nesta primeira imagem do tempo, a sua dimensão consumidora, devoradora e a sua dimensão quantificável, passível, assim, de mensuração.

No entanto, a Grécia antiga nos concedeu uma outra imagem do tempo, que ressaltamos ser menos conhecida. Esta imagem se encarna na figura de Aion. Quanto a essa figura, Martins (2000) percebe que se trata do tempo das intensidades e dos afetos, não no sentido de estarem fechados em uma interioridade individualizada, mas enquanto o tempo das mudanças e mutações produzidas pelos múltiplos cruzamentos e encontros dos corpos se afetando ao acaso. Ainda segundo o autor

¹ Mestre- Professora Assistente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

² Doutora- Professora Adjunta da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).



supracitado, seria, portanto, o tempo dos acontecimentos, dos mais insignificantes aos mais majestosos, “[...] tempo da poiésis, tempo produtivo ou criativo enquanto diferenciado de prático e utilitário.” (MARTINS, 2006, p. 42).

Desta maneira, temos duas imagens. Uma de consumo e outra de produção. Todavia, essas duas imagens não são estanques, elas interagem fixamente em diferentes graus de preponderância e dependência. Cronos não pode abstrair-se totalmente de Aion, sob pena de não ter mais o que consumir, mensurar, devorar. Aion depende de Cronos para se realizar, de modo a não cair em uma produção sem materialização (MARTINS, 2006).

Deste modo, essa dupla polaridade é constitutiva do tempo, concebendo uma multiplicidade de configurações cujo diagnóstico ou intervenções cabem às especificidades dos estudos ou do universo estudado.

Neste sentido, parece uma tarefa relativamente simples explicar a relação entre atividades e tempos, entre os indivíduos e o que os cerca, através de suas práticas cotidianas. A complexidade como o todo está nas entrelinhas e no contexto marcado pela própria racionalização do tempo.

A relação estabelecida entre trabalho e tempo livre vem se configurando de maneira significativa como uma das principais preocupações da moderna sociedade urbano-industrial, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Se, por um lado, temos colocado a questão do melhor uso do tempo livre – no qual se concentrariam as ações de lazer –, por outro, paradoxalmente se propala o discurso da supervalorização do trabalho em um modelo social baseado na perspectiva de desenvolvimento das sociedades mediante a relação produção e consumo.

Como um campo de estudo relativamente novo, ao colocarmos a questão analítica do lazer, deparamo-nos com diversos pontos de vista. Essas perspectivas indicam como questão central não a libertação das tensões ou os mecanismos compensatórios, mas sim o desenvolvimento de uma tensão agradável, de uma tensão-excitação, como o mecanismo central da satisfação no lazer (GEBARA, 2000).

Assim, o lazer passa (ou deveria passar!) a assumir um papel de considerável relevância social, representando o acesso a vivências enriquecedoras, que contribuem substancialmente para o crescimento pessoal, elevando a consciência crítica e o espírito criador. Para Marcellino (1996, p. 28), “[...] a importância do lazer significa considerá-lo como um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuam para mudanças de ordem moral e cultural. Mudanças necessárias para a implantação de uma nova ordem social.”



Todavia, não podemos correr o risco de atribuir ao lazer a responsabilidade de salvação dos indivíduos ou como única possibilidade de se alcançar a felicidade plena. Seria uma pretensiosa ingenuidade que poderia levar a sérios equívocos. O ideal de existência deve ser buscado em um entendimento que amplie a visão reducionista que habita o senso-comum, no qual o valor mercantil do indivíduo (bens, propriedades, títulos) sufoca o indivíduo nas suas possibilidades de realização (encontro com amigos, trocas de receitas, vivências corporais e outros).

O trabalho capitalista (enquanto contraponto do lazer), a família, as obrigações sociais, todos estes elementos, e outros, juntamente com o lazer, devem escapar à esfera da alienação que domina homens e mulheres, e possibilitar a construção de uma nova existência, que recrie e transforme a estrutura social, permitindo oportunidades de acesso mais igualitárias a novas experiências.

Historicamente, o lazer tem a sua gênese amarrada ao momento social em que o trabalho se modifica radicalmente, a partir da chamada Revolução Industrial. Podemos, por assim dizer, que o lazer é uma conseqüência da mudança das relações trabalhistas. Conforme afirma Camargo (1998, p. 42), “[...] o mesmo relógio de trabalho iria determinar o início e o fim do tempo de lazer.” Em suma, pode-se estabelecer uma estreita relação entre tempo de lazer e tempo de trabalho (capitalista). Em torno disto, a questão meticulosa do tempo é de suma importância para a compreensão da lógica estrutural do trabalho e do período de não trabalho; podendo representar um olhar mais crítico sobre o que circunda os interesses postos pela sociedade do capital.

De Masi (2000, p. 201), insatisfeito com o modelo social centrado na idolatria do trabalho, assinala sobre a importância do tempo e o uso que se faz dele, advertindo que dispor de tempo na modernidade tornou-se artigo de luxo. Izquierdo (1988) e Ramos (1992, p. 9) argumentam que as concepções de tempo como instrumentos de análise ilustram as ações, as interações e os sistemas sociais vigentes.

Nessa abordagem, Parra (1998, p. 236) descreve que os mecanismos sociais contribuem para que homens e mulheres experimentem o uso do tempo com distintos níveis de intensidade e atitudes. Continua esclarecendo que, a partir da posição social, da idade e do nível de escolaridade, o usufruir o tempo, principalmente o tempo livre, fica marcado por diferenças pontuais e decisivas.

No rol das discussões que têm sido implementadas em diferentes instâncias da sociedade, muitos são os estudiosos que buscam estabelecer dados para explicitar a situação da mulher contemporânea, marcada por novas e significativas possibilidades (mercado de trabalho, qualificação profissional e outras), mas arraigada a uma construção histórica que permite buscar nas entrelinhas peculiaridades das trabalhadoras da atualidade.



Diante do exposto, a intenção deste texto foi pensar algumas condições da vida feminina a partir da relação entre tempo de trabalho (capitalista) e os usos do tempo livre e do tempo disponível para o lazer. Por questões de viabilidade da pesquisa, elegemos analisar as mulheres-trabalhadoras efetivas da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes³. Por meio das informações da DDRH, identificamos as mulheres-trabalhadoras da universidade e optamos em estabelecer o grupo de mulheres entrevistadas pela variável tempo de trabalho formal remunerado somente na Unimontes e local de trabalho no campus Montes Claros, especificamente dentro deste campus, para facilitar o acesso a estas trabalhadoras.

Desta forma, constituímos o universo pesquisado, formado por Professoras com Dedicção Exclusiva (DE), Professoras acima dos 60 anos, Mulheres dos Serviços Gerais e Mulheres do Setor Administrativo. O processo de seleção dos elementos participantes da pesquisa foi realizado por acesso por amostragem intencional: distribuímos quatro trabalhadoras pela respectiva função, as quais se dispuseram a participar do estudo, possibilitando, através deste agrupamento, contemplar distintas realidades e significativas vivências do tempo de trabalho, tempo livre e tempo disponível para o lazer. Nessa perspectiva, pretendemos verificar as articulações do(s) uso(s) do(s) tempo(s) para as mulheres participantes da pesquisa, atreladas às possibilidades do lazer da mulher trabalhadora em diferentes funções profissionais; e, neste sentido, ter, a partir do tempo livre e do tempo disponível para o lazer, um olhar mais crítico sobre a dinâmica temporal na rotina de mulheres. Do mesmo modo, pretendemos verificar se existem significativas disparidades no(s) uso(s) do tempo(s) no universo pesquisado.

Compartilhando com Branco e Vainsencher (2001), a passagem das mulheres do domínio público para o privado, por meio do trabalho remunerado oferece às mulheres elementos para que elas adquiram força e confiança em si mesmas, intensificando processos de mudanças referentes às condições de gênero.

Quanto à satisfação e/ou troca de trabalho, as mulheres entrevistadas que ocupam cargo de professora e/ou cargos administrativos não relataram em seus depoimentos o desejo de mudança. As mulheres que trabalham com serviços gerais, mesmo não sabendo ao certo o que gostariam de realizar, possuem aspiração de outro trabalho, o que nos possibilita dizer que a desvalorização financeira das atividades ditas gerais e o desgaste físico que essas proporcionam fazem com que algumas mulheres se sintam insatisfeitas com o serviço que prestam.

³Esta universidade encontra-se localizada no município de Montes Claros, situado no norte de Minas Gerais, e caracteriza-se como a única Universidade Pública Estadual inserida nesta vasta região.



A prisão do tempo livre aponta as dificuldades expostas por essas mulheres no que concerne à utilização e ao aprisionamento deste tempo. Nesta direção, as jornadas de trabalho formal adentram na esfera privada, as atribuições do trabalho doméstico (em diferentes proporções e características) são imputado às mulheres da pesquisa, expondo assim, a necessidade de refletir, a partir do tempo, a realidade de vida das mulheres contemporâneas no que se refere ao domínio do tempo livre.

Acerca do lazer contemporâneo, as implicações no universo feminino, remete-nos aos entraves e as possibilidades do lazer para as trabalhadoras em estudo e a extensão das diferenças no que tange às experiências e vivências do lazer.

Embora avanços substanciais possam ser identificados nas condições sociais das mulheres nos dias de hoje, com a conquista indiscutível de liberdades e acessos, no confronto dos gêneros, as dissonâncias, antes discretas, se amplificam, tomadas por contornos sutis que, não raro, comportam mecanismos efetivos de hegemonia masculina.

Diante de uma sociedade ainda patriarcal, mudar os rumos daquilo que é popularmente masculinizado (ou de homem) e feminilizado (ou de mulher) requer possibilidades de esclarecimento e vivência dos sujeitos (MARCELLINO, 2000). Essa padronização sociocultural tende a privilegiar os homens, que ocupam os papéis sociais de maior poder, têm melhores salários e um tempo disponível consideravelmente maior que o das mulheres.

Neste sentido, as mulheres são desfavorecidas comparativamente aos homens, ou pela rotina do trabalho doméstico, ou pela dupla jornada de trabalho e, principalmente, pelas obrigações familiares decorrentes do casamento, numa sociedade que, apesar de avançar nesse campo, continua machista (MARCELLINO, 2000). Com outra roupagem social, mais sofisticada e discreta, mas essencialmente com o mesmo comportamento, as mulheres tendem a continuar tomando conta dos filhos, do marido e da casa, numa “obsessão asséptica”, com as mesmas intenções de manutenção dos laços conjugais presentes nos anos 50 (SANT’ANNA, 1995).

Assim, as relações do lazer para essas mulheres são mantidas em suas características mais essenciais: mesmo fora de casa, o lazer da mulher ainda se conforma aos princípios domésticos, sobretudo nas camadas sociais menos abastadas, o cuidado com os filhos, a situação econômica, as poucas alternativas dos espaços. Ainda predominam práticas domésticas de lazer, o cuidado e o compromisso com os familiares, e é exatamente neste espaço, na intrincada maneira de estabelecer a relação prazer-desprazer, que se revelam, de forma sutil, a desigualdade, os preconceitos sociais que limitam a liberdade, os desejos e as aspirações de grande parte das mulheres.



Foram distintas mulheres, diferentes discursos e uma travessia que nos permite destacar a singularidade de cada servidora em seu respectivo trabalho e atribuições, ganhando atenção especial as limitações quanto ao usufruir o tempo livre em benefício próprio. O cuidado com os filhos, as funções domésticas, a atenção dedicada à família e/ou aos amigos foram aspectos constantes nos relatos das mulheres, demonstrando barreiras para as possíveis livres escolhas do lazer.

Deste modo, percebemos que, para as mulheres professoras, o tempo de trabalho influencia diretamente no tempo livre e no tempo disponível para o lazer, principalmente as servidoras com maiores titulações que necessitam de produção constante, dentro e fora da Universidade, para contemplar as demandas do mercado de trabalho (publicações, currículos, convênios, entre outros). As trabalhadoras do administrativo também ocupam parte do seu tempo livre em atividades vinculadas à Universidade, mas em menor escala que as docentes, dentro da própria instituição, quando existe a necessidade. As mulheres dos serviços gerais possuem o tempo de trabalho na universidade bem delineado e tendem a não ocupar parte do seu tempo livre em afazeres vinculados à Unimontes. Assim, ficando claro que a variável função exercida neste mercado de trabalho controla a influência do tempo de trabalho no tempo livre de mulheres.

Sobre as características do tempo livre, podemos perceber que as trabalhadoras encontram-se presas àquilo que historicamente se construiu natural de mulheres, e que os principais entraves relatados pelo grupo participante do estudo refere-se ao lazer dedicado aos filhos e/ou à família, compromisso com o trabalho institucional e sobrecarga das responsabilidades domésticas, muitas vezes apresentadas como lazer. Todavia, a condição civil e a presença de filhos contribui para acentuar ou amenizar esses incrementos.

Assim, constatamos que o poder aquisitivo determina o que se pode fazer (ou comprar) no tempo disponível, porém o tempo destinado para essas atividades (de realização de compras, descanso, ócio, entre outras) representa as sobras do tempo livre e se aproxima pela condição de mulher. No que diz respeito às práticas de lazer, as vivências do tempo disponível se diferenciam conforme a condição econômica. A exemplo, algumas viajam para a Europa, outras ficam em férias na casa da mãe e, apesar de algumas servidoras narrarem não realizar atividades de cunho doméstico, elas alocam essas funções a outras mulheres, e ainda continuam diretamente responsáveis pelo cumprimento de tais funções.

Evidenciamos também que as mulheres dos serviços gerais dedicam mais do seu tempo à realização dos afazeres domésticos, e as sobras das suas obrigações são dedicadas a atividades de



lazer de baixo custo como ir à igreja ou caminhar na Avenida, destacadas as mesmas sobras do tempo, como as outras mulheres entrevistadas.

Deste modo, ainda que exista a tendência de a condição econômica definir as práticas de lazer, é possível dizermos que outros fatores determinam (ou condicionam) as tensões frente ao tempo livre e disponível para o lazer. As questões culturais, como a relação estabelecida entre homens e mulheres, a forma da educação feminina para as responsabilidades do lar, os espaços e políticas públicas que atinjam legitimamente as características de grupos específicos e minoritários elucidam possíveis obstáculos frente o acesso e experiências advindas do lazer.

Entre as atividades de lazer mais realizadas, assistir TV e ouvir música foram práticas características, algumas vezes associadas ao cumprimento de outras atividades como arrumar guarda-roupa ou lavar objetos. Outro ponto recorrente, perceptível nas falas, foi a associação das práticas de lazer a uma atividade física e o destaque para os encontros com amigos, vizinhas, grupos da igreja e saídas a bares. Ressaltamos que mulheres com dependentes menores de 15 anos tendem a incluir nas suas práticas a participação dos filhos, diferente das mulheres sem filhos, que não possuem tal responsabilidade e expectativa social.

As fronteiras e os desafios ainda estão muito presentes para as mulheres; elas se encontram no mercado de trabalho, dentro de casa, na relação conjugal, com filhos, com família, e com a sociedade, em dimensões que historicamente a afastam de si próprias. O seu tempo disponível está cercado de tarefas e obrigações, e dificilmente ficam livres para o lazer no sentido pleno da palavra. Diante desse quadro, é necessário buscar estratégias (no trabalho, no lazer, na vida!!!) que permitam criar condições para que a mulher exerça não somente um papel importante junto à sociedade, mas um papel importante para ela mesma, para o seu crescimento e bem-estar. E torcemos para que exista tempo para isso.

Bibliografia

BRANCO, A. de M.; VAINSENER, S. A. **Gênero e globalização no Vale do São Francisco**. 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/116.html>>. Acesso em: 5 jul. 2006.

CAMARGO, L. O. **Educação para o lazer**. São Paulo: Moderna, 1998.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

GEBARA, A. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador: contribuições para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, H. T. (Org.). **Temas sobre lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.



IZQUIERDO, M. J. **La desigualdad de las mujeres en el uso del tiempo**. Madrid: Instituto de La Mujer, 1988.

LEACH, E. **Repensando a antropologia**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Lazer e humanização**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

MARTINS, C. J. Corpo e história: uma abordagem genealógica. Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte e Lazer e Dança. Memórias e descobrimentos: 500 anos de História e Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil. VII, Gramado, RS, **Anais...** Gramado, maio de 2000.

_____. Corpo, Tempo e Espaço Modernos na experiência surrealista. In: Isayama, Hélder Ferreira; linhaes, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

PARKER, S. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PARRA, C. **La medida del mundo**. Gênero y usos del tiempo. Sevilla: Instituto Andaluz de la Mujer, 1998.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____. (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

WERNECK, C. L. **Lazer, trabalho e educação**: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.